

## JOVENS, ARTE E OS SENTIDOS DE CIDADE



**Gabriel Bueno**

*Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Brasil*

**Andréa Vieira Zanella**

*Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Brasil*



### **Resumo**

Neste trabalho são analisados possíveis sentidos de cidade a partir de fotografias produzidas por alguns jovens residentes em Florianópolis/SC. As informações que baseiam este artigo são oriundas de um projeto de oficinas estéticas voltadas para a prática e para a discussão teórica de linguagens artísticas oriundas da arte urbana. Foram escolhidas para análise dos sentidos de cidade as fotografias e um graffiti realizado coletivamente que ilustra a cidade, além da nossa própria imersão como participantes das oficinas. As análises foram realizadas a partir das contribuições de L. Vygotsky e M. Bakhtin – focando a relação semiótica que se estabelece entre os jovens e a cidade e os sujeitos que se constituem a partir dessa relação. Como resultado foi possível constatar que alguns elementos apareceram com frequência nas objetivações estéticas da cidade. Esses elementos nos dizem sobre como estes jovens florianopolitanos vêm a sua cidade e quais sentidos estão sendo atribuídos a ela.

**Palavras-Chave:** Bakhtin. Vygotsky. Arte urbana.

### **Introdução**

O objetivo deste texto é problematizar alguns possíveis sentidos que os jovens atribuem a cidade em que vivem. As informações a serem trabalhadas neste artigo são provenientes do projeto de pesquisa-intervenção ArteUrbe: oficinas estéticas com jovens da/na cidade. Realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, desde 2010, este projeto consiste na oferta de oficinas estéticas para jovens de escolas públicas. Nas oficinas são trabalhadas linguagens artísticas que têm relação com o contexto urbano, como o graffiti, o

lambe-lambe, o stencil e registros fotográficos da cidade. A partir deste experiência, discutiremos no texto como a cidade foi significada e apresentada nas criações artísticas realizadas pelos jovens durante as oficinas, abordando também questões éticas, históricas e políticas da inserção da arte no contexto urbano. Procuraremos analisar elementos que expressem posicionamentos a respeito do ato de vivenciar a cidade, de caminhar por ela, das esperanças e resignações a respeito do estado atual e do desenvolvimento do contexto no qual estes jovens habitam.

A problematização dos sentidos de cidade atribuídos pelos jovens é de suma importância para a compreensão dos arranjos urbanos contemporâneos e de que modo os jovens os significam. A ocupação do espaço é pautada pelas relações que são construídas nos processos de significação dos locais de uso, passagens, trajetos e vivências no cotidiano. Esta ocupação do espaço tem um resultado político, pois orienta posturas éticas e estéticas de convívio neste complexo espaço de relações comuns. Segundo Rancière, “há uma política da estética no sentido em que as novas formas de circulação da palavra, de exposição do visível e de produção dos afetos determinam novas capacidades, em ruptura com a antiga configuração dos possíveis” (p.67, 2010). São processos de atribuição de sentido, formas sensíveis de ver e viver a cidade. A desconstrução de sentidos cristalizados dá margem para rupturas de modelos desgastados e estigmatizados de modos de vida contemporâneos – modos de experienciar a cidade que tornam o sujeito preso a uma rotina alienante ou a áreas privadas individualizantes.

A sociedade contemporânea se caracteriza pela intensa idiosincrasia em relação aos valores e do comum. O embate político que se estabelece hoje, no qual o jovem é protagonista, se dá na esfera dos sentidos. “[...] inovar os códigos de forma conflitiva. Remover os significados estáticos. Produzir significados alterados. Livrar signos fluidos dos símbolos sólidos” (CANEVACCI, 2005, p. 47), eis os mecanismos de emancipação e ação política da juventude contemporânea: a fragmentação dos sentidos, movimento que se coloca na contramão da lógica homogeneizante da cultura de massa capitalística.

As oficinas estéticas realizadas no projeto ArteUrbe têm como um de seus objetivos discutir e dar visibilidade para estas questões referentes aos modos de existência contemporâneos, principalmente aqueles relativos às grandes cidades. As oficinas tinham como proposta a apresentação, a prática e a discussão a respeito da arte urbana e o olhar para a cidade. Entendemos arte urbana como uma vasta gama de linguagens e técnicas artísticas que necessitam ou se utilizam da superfície da cidade como elemento fundamental na sua composição (ZANELLA et all, 2012). São produções pictóricas que se inscrevem nos muros, que fazem destes a sua tela, o seu suporte criativo; é a fotografia que tem como sujeitos do seu

retrato os prédios, avenidas, multidões, os muitos elementos constituintes das áreas urbanas. São esculturas e performances (GOLDBERG, 2006) que têm como potência artística o diálogo com o cotidiano da cidade. Trabalhando estas linguagens, pudemos direcionar os olhares para aquilo que já estava naturalizado e, de certa forma, esquecido: o corpo da cidade. Novos sentidos se constituíram a partir das oficinas, do conhecimento dessas linguagens artísticas e do compartilhamento de ideias a respeito da cidade. Esse movimento dos sentidos caracteriza-se como foco deste texto.

### **Sobre signo, sentido e cidade: breves consideração teóricas**

Neste artigo problematizamos os sentidos atribuídos pelos jovens participantes do projeto Arte/Urbe à cidade, considerando o seu tempo e espaço. Assim como o surgimento de uma obra de arte depende de condições sócio-históricas, sendo uma refração<sup>1</sup> destas condições, isso também ocorre com o posicionamento axiológico desses jovem na dinâmica social da cidade e como eles retratam e experienciam este lugar. O conceito de refração, como utilizado pelo círculo de Bakhtin, vem a denotar a pluvocalidade do sentido, uma vez que é possível haver diferentes posicionamentos axiológicos referentes a um mesmo objeto (VELOSO, 2011, p.23).

Bakhtin e Voloshinov (2010, p. 47; 2006, p. 31) nos ajudam a pensar a questão dialógica proferida pelos discursos produzidos pela arte e pela cultura. Estes autores compreendem como *dialógico* as relações entre discursos, entre enunciados, sejam estes uma conversa, um tratado filosófico, um regime de leis, uma obra de arte, pois “o dialogismo da palavra é a vida dos homens em constante interação” (SCHAEFER, 2011, p.197). Os discursos são elementos produzidos sócio-historicamente, constituídos de sentidos – valores, historicidade e ideologias – que se confrontam num plano verbal, na esfera dos conflitos axiológicos. Vidas são edificadas em torno dos discursos proferidos por e entorno delas; são os constituintes das posições responsivas, das formas de existência, dos seus estigmas e condutas. Para o Círculo de Bakhtin<sup>2</sup>, qualquer elemento que tenha qualidade semiótica pode ser enquadrado como um discurso (FARACO, 2009, p.66).

Os discursos oriundos do cotidiano – aqueles que se enunciam no dia a dia, em conversas informais ou que são veiculadas através da mídia, da política, dos costumes e

<sup>1</sup> Refração, pois a apropriação do signo não é meramente um reflexo da realidade. O signo sempre conota um caráter interpretativo e dinâmico, em função de um posicionamento axiológico.

<sup>2</sup> Círculo de Bakhtin é o nome atribuído ao grupo de intelectuais que se reuniam, durante a década de 1920, na Rússia pós revolução, com a finalidade de discutirem temas como arte, literatura, filosofia, sendo Mikhail Bakhtin um dos poucos sobreviventes a era stalinista e um dos seus maiores expoentes (FARACO, 2009).

valores de uma determinada sociedade – disputam e compartilham lugares de poder no âmbito da comunicação urbana e de sua condição axiológica. Os signos enunciados nestas dimensões discursivas são elementos que constituem e evidenciam posicionamentos ideológicos. Para Bakhtin, “o universo da criação ideológica é fundamentalmente de natureza semiótica” (FARACO, 2009, p. 47), ou seja, a dimensão do diálogo – do embate entre discursos – é sempre um embate entre posições ideológicas, entre modos de existência.

Produções estéticas – sejam obras de arte tradicionais ou formas de expressão que ocupam um lugar indeterminado entre arte-política-vandalismo – contêm necessariamente concepções ideológicas, objetivadas nas redes sógnicas que as constituem. Segundo Bakhtin (2010, p. 27), os signos empregados em qualquer forma de enunciado estão sempre a representar posicionamentos ideológicos, seja de uma classe, um sujeito ou de toda uma sociedade. O signo não pode ser neutro em caráter valorativo, pois qualquer objeto que participa da comunicação humana se insere num contexto histórico-cultural, ocupando um lugar específico numa comunidade, decorrente de sua história e de como vem sendo apropriado. Ou seja, não é possível uma comunidade humana sem mediação linguística – logo, todas as formas de relação entre pessoas estão sujeitas a questões axiológicas.

Nas palavras de Bakhtin, os signos *refletem e refratam* a realidade; eles a representam mas também a reinterpretam de acordo com o lugar social de onde são proferidos. Refração é um conceito utilizado por Bakhtin para se referir a constituição da consciência como um reflexo da realidade, porém refratado – distorcido, interpretado – pelos inúmeros discursos que vêm a constituir este sujeito. A realidade humana é multifacetada por várias “verdades” contraditórias, onde cada verdade refrata fatos sob um determinado ponto de vista, expressão do posicionamento axiológico de quem o professa.

A perspectiva epistemológica de Bakhtin é consonante com as discussões de Vygotsky sobre o tema. Ambos partiram do materialismo histórico-dialético e da crítica aos modelos científicos de sua época para produzirem as suas teorias (MAGALHÃES; OLIVEIRA, 2011, p. 104). A concepção do conceito de *signo e linguagem* também aproxima os dois estudiosos. Influenciado pela teoria marxista e pelo uso que Marx faz do valor da mercadoria como unidade de análise da sociedade burguesa, Vygotsky buscou em seus estudos uma unidade que viabilizasse o estudo da psicologia segundo o método materialista histórico-dialético (Vygotsky, 2004, p. 374). Encontrou-a nos estudos da linguagem e no estudo do *signo*. Para o autor, o signo é a unidade básica da formação da consciência. Na dialética entre o coletivo e o singular, o signo é constitutivo dessas duas dimensões, mantendo-as unidas por um elo em comum: “produzidos socialmente, estes [signos] comportam inexoravelmente tanto uma

dimensão coletiva quanto privada, são porta-vozes tanto da história social humana como das histórias dos sujeitos que os utilizam.” (ZANELLA, 2005, p. 102). É também devido à reelaboração da tese de Engel sobre o papel dos instrumentos na atividade humana que Vygotsky sustenta suas concepções: “o instrumento simboliza especificamente a atividade humana, a transformação da natureza pelo homem que, ao fazê-lo, transforma a si mesmo. Vygotsky estendeu esse conceito de *mediação* na interação homem-ambiente pelo uso de instrumentos ao uso de *signos*” (SOUZA, 2003, p.125)

Em seu texto *Pensamento e Linguagem* (Vygotsky, 1993), onde discorre sobre o lugar da linguagem na formação da consciência e dos processos psicológicos superiores, Vygotsky elabora seu conceito de *sentido*. Este conceito procura salientar a importância do contexto no qual a palavra é dita e a relação estabelecida entre os falantes. “As palavras não podem ser consideradas fora de seu acontecimento concreto, pois a variação dos contextos de ocorrência faz com que os sentidos sejam ilimitados e, de certa forma, mostrem-se sempre inacabados” (GÓES; CRUZ, 2006, p.38), ou seja, o sentido no qual a palavra está imersa só pode ser interpretado de acordo com seu contexto de enunciação, pois “o sentido sempre é de uma formação dinâmica, variável, que tem diversas zonas de estabilidade diferentes.” (Vygotsky, 1993, p. 333)

O sentido é a dimensão semântica do signo, que o localiza dentro de um contexto de enunciação. É importante lembrar que o *sentido*, para Vygotsky (1993, p. 333), está submetido a constantes mudanças, sendo jamais cristalizado. Aproximando o conceito de Vygotsky à Bakhtin, dizemos que o sentido expressa e constitui determinada posição axiológica. O sentido orienta a interpretação singular dos fenômenos, inundando os signos de carga valorativa, ideológica. E assim, devido o sentido estar em função do seu contexto, torna-se impossível a compreensão do signo deslocado de seu acontecimento concreto.

O foco deste artigo é o sentido atribuído às cidades pelos jovens participantes do projeto ArteUrbe. A partir da observação de como a cidade é retratada em suas objetivações estéticas, surgem algumas características que denotam como os jovens vêm dando sentido ao espaço urbano.

No debate sobre as culturas juvenis e suas relações com as cidades contemporâneas percorremos alguns trajetos teóricos da antropologia urbana. O antropólogo italiano Massimo Canevacci (2004, p. 17) entende a metrópole como lugar da polifonia, onde as diversas vozes sociais se arranjam de forma dissonante compondo o coro urbano. A cultura cidadina se constitui como o amálgama de diversos fragmentos axiológicos que estão em constante modificação. É nesta dinâmica complexa, de complementos e contradições, que os diversos

sentidos de cidade vão sendo compostos e transformados.

Por mais que Florianópolis não se caracterize como metrópole nem como polifônica – até porque a polifonia é uma utopia bakhtiniana (FARACO, 2009) – podemos encontrar nas relações cotidianas, nas micropolíticas, nas manifestações de rua, na arte urbana, o embate entre os muitos discursos que a constituem e que denotam múltiplos sentidos de cidade.

Faz-se necessário para a psicologia social a compreensão e busca por essa polissemia referente aos modos de vida urbanos, pois

[...] se não se começar a tentar entender qual a direção assumida pelos valores e modelos de comportamento que a cidade inventa, as formas ainda mais inovadoras e de vanguarda, a expansão ilimitada da cultura de massa, não se compreenderá nunca como serão os pontos de referência, as distorções das partes mais marginalizadas de qualquer país, e principalmente do Brasil (CANEVACCI, 2004, p. 41).

A cadeia de signos, valores e modos de existência está hoje diretamente relacionada à rede comunicativa que compõe a cidade, à profusão de discursos oriundos daqueles que a constituem – com destaque aqui para os jovens. Algumas culturas juvenis contemporâneas, segundo Canevacci, desconstroem uma lógica cristalizada de modos de existência que herdamos de um projeto de sociedade moderna.

Sem prolongar a discussão sobre a sociedade moderna e a contemporânea, esta sociedade moderna na qual nos referimos pode ser caracterizada como a modernidade sólida descrita por Bauman (2001, p. 132 - 137), baseada em valores arraigados na lógica burguesa do trabalho e das instituições, como a família, o capital e o estado. Período do progresso desmedido, da dominação sobre o tempo e a natureza, da otimização dos *modus operandi* de se viver. Projetos urbanísticos como os de Haussmann e Le Corbusier procuraram racionalizar ao máximo o espaço urbano e a forma de se pensar a vida nas cidades, assemelhando-as às fábricas de Ford. Berman assinala que “os espaços urbanos criados pelo modernismo eram fisicamente limpos e ordenados, mas social e espiritualmente mortos” (BERMAN, p. 202, 2007). Não que tudo isso seja passado, mas novas formas de romper com este paradigma fazem parte hoje de algumas práticas juvenis.

Hoje são possíveis novas formas de atuar na dinâmica das cidades e de criar brechas nos discursos de tendência centralizadora, homogeneizantes, homofônicos. Como exemplo podemos citar o uso da internet para o compartilhamento de conteúdo cultural, como filmes e

música; as redes sociais, que revolucionaram as formas de encontros e de comunicação de massa; os blog, novo meio de criação jornalística, literária, cultural. No corpo da cidade, a arte urbana pode ser caracterizada como a linguagem artística que representa este novo período das sociedades democráticas. É uma linguagem que contesta o poder das instituições julgarem o que é considerado arte e o que não é, atribuindo este julgamento aos praticantes e expectadores – e como coloca Rancière (2010, p. 23), o *expectador emancipado* é aquele que se reapropria de uma relação consigo mesmo ao superar a passividade e os mecanismos que o alienam.

## **Método**

A pesquisa realizada parte do pressuposto da coparticipação entre os jovens e a equipe de pesquisadores no desenvolvimento do projeto Arte/Urbe. Iniciamos esse processo ainda com dúvidas dos caminhos que seriam trilhados, de como as oficinas seriam organizadas, de como seria a dinâmica das oficinas práticas e de qual seriam os seus resultados. Mas esse passo no inesperado fez parte do objetivo que pretendíamos alcançar e do pressuposto ético e metodológico que utilizamos em nossa pesquisa. Este método se caracteriza como pesquisa-intervenção.

O processo contínuo da formação dos sentidos de cidade foi marcado pela presença do outro, seja este o jovem participante ou o pesquisador. Em sua teoria, Vygotsky dá ênfase na mediação do outro no processo de significação da realidade: “modificando a conhecida tese de Marx, poderíamos dizer que a natureza psíquica do homem vem a ser o conjunto de relações sociais transladadas ao interior e convertidas em funções da personalidade e em formas de sua estrutura” (Vygotsky, 1995, p.151). Não há, portanto, constituição de um sujeito sem relação de alteridade, sendo esta uma característica de qualquer cultura humana, devido à inexorável mediação da linguagem.

As oficinas foram realizadas nas dependências do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Nos encontrávamos todas as sextas-feiras a tarde numa sala de aula reservada para o projeto. Algumas das atividades foram feitas na sala de aula, como os debates, as dinâmicas de grupo, os desenhos, etc., e outras ocorreram ao ar livre, como a oficina de graffiti, de lambe-lambe e a incursão fotográfica pela cidade. Escolhemos realizar os encontros na UFSC por estar situada geograficamente no centro da região onde se localizam as escolas onde os jovens estudavam.

Antes de serem iniciados os encontros, cada jovem participou de um bate-papo com os

pesquisadores, cujo foco da conversa era a relação arte e cidade. Foram discutidos questões a respeito de como a arte está presente na vida desses jovens, de como eles vêem e participam do cotidiano da cidade de Florianópolis e porque o interesse em participar de uma oficina que propõem um estreitamento da relação entre arte e cidade.

Como forma de registro, ao longo do pesquisa foram utilizadas gravações em vídeo, deixando uma câmera ligada durante as oficinas, ora registrando o coletivo, ora focalizando alguma fala, ação ou trabalho criativo dos jovens. A fotografia também foi um recurso utilizado para registrar o decorrer das oficinas e as produções estéticas dos participantes.

Após concluídas as oficinas, escolhemos alguns trabalhos para serem analisados neste artigo. Dos trabalhos produzidos pelos jovens, selecionamos para os olhares sobre a cidade: fotografias; desenhos de elementos que lhes eram significativos no espaço urbano; a participação na construção do mural grafitado e acrescido com os lambe-lambes; e a criação dos stencils. Nessas produções observamos também o desenvolvimento e construção dos sentidos de cidades que foram se constituindo ao longo dos quatro meses de atividades e objetivadas de diferentes modos.

As imagens selecionadas para análise representam as principais temáticas abordadas pelos jovens, os elementos simbólicos que apareceram com mais frequência em suas produções. Como a produção foi muito extensa (mais de 400 fotos, cerca de 30 desenhos sobre a cidade, a construção de uma maquete, a gráfitegem de um mural e a colagem de lambe-lambe), as imagens selecionadas para análise representam um conjunto amplo de produções que abordam o mesmo tema urbano: são traços que constituem a cidade e que despertam e fomentam a criação estética, como ficou evidenciado nas produções desses jovens. Entendemos também que esses elementos que aparecem em abundância nas objetivações artísticas constituem o próprio sentido que esses jovens atribuíam sua(s) cidade(s), visto que a criação artística está diretamente vinculada à existência destes sujeitos no contexto social, das relações que vivenciam cotidianamente e dos sentidos que atribuem a estas relações .

As análises dos sentidos de cidade foram fundamentadas nas contribuições teóricas no campo da psicologia fundado por Vygotsky e da filosofia da linguagem de Bakhtin e seu círculo. O conceito de *sentido* aqui utilizado está diretamente ligado ao emprego que Vygotsky (1993) faz deste conceito, procurando sempre compreender o signo a partir do seu contexto de enunciação. Podemos considerar, a partir de Bakhtin, que os sentidos condensam posições axiológicas e orientam nossa percepção e significação da realidade, sendo todo enunciado uma expressão de valores – emergentes de um contexto cultural – e um ato

responsivo, um posicionamento ético (FARACO, 2009).

### **As oficinas estéticas**

Iniciamos o projeto com uma oficina realizada em sala de aula. Primeiramente a proposta foi apresentada aos jovens presentes e depois foram realizadas dinâmicas de grupo para que os participantes se conhecessem e para integrá-los. Também neste primeiro dia foi realizado pelos jovens um desenho e uma maquete do centro de Florianópolis, importante para a oficina da semana seguinte, em que iríamos ao centro da cidade para fotografá-lo. O desenho e a maquete tinham como objetivo compartilhar com o grupo a imagem que os jovens têm/tinham da cidade. Direcionando o trabalho para que fosse retratado um lugar específico, pudemos identificar alguns elementos simbólicos que fazem parte da imagem coletiva e individual da região central. Partindo dos lugares retratados e daqueles que ficaram ausentes, mas que apareceram nas falas dos jovens durante o encontro – ícones que lhes remetiam a esta região da cidade – foi decidido em conjunto qual seriam os pontos que percorreríamos na saída de campo da semana seguinte.

No segundo dia de oficina fomos com um ônibus da universidade até o centro da cidade para fotografá-lo. Descemos no antigo terminal de ônibus e percorremos os pontos mais conhecidos da região central: Praça XV, Catedral Metropolitana, Rua Felipe Schmidt, Largo da Alfândega, Mercado Público e Ponte Hercílio Luz. Este encontro tinha como intuito o flunar por essa região e registrar paisagens e elementos que lhes fossem significativos, para que novos olhares fossem se constituindo sobre antigas superfícies. Objetos, pessoas e lugares, invisíveis de tão naturalizados, puderam ser re-significados com esse exercício de “olhar do estrangeiro” (Peixoto, 1999). Cada jovem portava uma câmera analógica descartável de 24 poses e tinha como instrução fotografar aquilo que lhe atraísse os olhos, que lhe chamasse a atenção, que lhe fosse novo ou curioso, que registrasse a sua impressão do percurso realizado. Ao final do dia os jovens nos entregaram as câmeras para que as fotos fossem reveladas e trabalhadas no encontro seguinte.

No terceiro encontro, realizado em sala, as fotos foram espalhadas no chão, de forma aleatória, e os jovens convidados a identificar quais eram as suas fotos, a que reconhecer o seu olhar no produto revelado. Depois de recolhidas, os jovens expuseram e comentaram as suas fotos para o grupo. Muitos deles relataram terem percebido elementos no cenário urbano que não haviam sido notados anteriormente em suas caminhadas por essa mesma região, talvez pelo fato da região central se caracterizar como um lugar de trânsito apressado entre um compromisso e outro, onde o espaço da cidade serve apenas como local de passagem.

Do quarto ao sétimo encontro foram ministradas as oficinas de graffiti com o oficinheiro Rodrigo “Rizo”, integrante da equipe. Rizo participou dos encontros como mediador das oficinas ou como câmera, auxiliando no registro imagético das atividades. Ele também possui vasta experiência como grafiteiro em Florianópolis, já havendo ministrado outras oficinas desta linguagem artística, geralmente voltada para jovens do ensino médio e fundamental.

No primeiro dia de oficina, Rizo fez uma apresentação teórica da origem do graffiti, da sua proposta inicial e de como esta linguagem veio se modificando com o passar dos anos. Foi enfocada a questão ética que permeia o graffiti e toda a arte urbana, pois esta arte está diretamente implicada no cotidiano da cidade e dos seus transeuntes. Para Rizo, é importante que o grafiteiro esteja ciente que sua pintura está se comunicando com uma gama vasta da população que transita pela cidade, entrando em contato e/ou conflito com posições axiológicas muito distintas.

Os outros três dias de oficinas de graffiti foram dedicados à técnica. Utilizamos uma parede cedida pela direção do CFH (Centro de Filosofia e Ciências Humanas) para construir em conjunto um mural que representasse a cidade de Florianópolis a partir dos olhares dos jovens participantes. Primeiramente Rizo deu algumas instruções básicas de como funciona o spray e das possibilidades de pintura que ele proporciona. Cada jovem pode exercitar as técnicas ensinadas pintando o muro livremente. No terceiro dia de oficina, cada um desenhou num papel algo que expressava a cidade. A seguir, todos os desenhos foram colocados juntos sobre uma mesa e organizados de forma que esta união de diferentes perspectivas resultasse em uma cidade a ser pintada. Após feito um esboço inicial, todos os participantes iniciaram a pintura do grande mural, um retrato da cidade imaginada, constituído a partir de referências à cidade em que vivem. A concretização do painel levou dois encontros para ser concluída.

No oitavo e nono encontro foi ministrado a oficina de lambe-lambe. Está é uma técnica de arte urbana que consiste na colagem de imagens no ambiente urbano. É uma linguagem mais efêmera que o graffiti, pois a sua resistência às intempéries da rua e do tempo é mais frágil devido ao material utilizado: papel e cola caseira. Porém, o lambe-lambe possibilita intervenções mais rápidas e um maior número de reproduções, com riscos menores a um iniciante na arte urbana.

No primeiro dia de oficina de lambe-lambe Gabriel Bueno e Raquel Alves, bolsistas de iniciação científica e integrantes da equipe, fizeram uma apresentação com projeção de imagens sobre as diversas possibilidades que esta linguagem proporciona à criação e sobre os artistas que utilizam o lambe-lambe como forma de expressão. A proposta a seguir foi que

cada jovem fizesse um desenho para interagir com o painel grafitado na oficina anterior. Os desenhos realizados foram fotocopiados para, na semana seguinte, serem colados ao mural. No encontro seguinte, Raquel explicou como se faz a cola caseira – cola mais frequentemente utilizada pelos praticantes do lambe-lambe – e os desenhos foram colados no mural. A união as duas técnicas, graffiti e lambe-lambe, acrescentou novos elementos à cidade retratada e possibilitou a sua reinvenção.

A oficina seguinte, denominada “Olhar Estético”, foi ministrada por Raquel Alves. O intuito deste encontro era demonstrar como a apreciação estética pode ser relativizada, como os valores que permeiam uma obra arte podem ser amplos e flexíveis. Raquel colocou lado-a-lado obras renascentistas – cujos valores estavam fundados na representação da realidade, ressaltando o belo e grandioso da cultura humana (BAXANDALL, 1991) – e o mictório de Marcel Duchamp, no qual seu caráter artístico se expressa justamente na negação dos valores clássicos e na descontextualização e estranhamento provocados (Paz, 2007), alcançando estes novos valores à variáveis importantes no fazer artístico.

No décimo primeiro encontro retomamos a fotografia. Esta oficina foi ministrada pelo fotógrafo convidado Gabriel Vanini. Sua oficina teve como foco detalhes técnicos e algumas dicas que poderiam ser exploradas para ampliar as possibilidades da fotografia, seja como obra de arte ou como documentação da realidade. Ao final da oficina foram entregues câmeras descartáveis de 24 poses para que os jovens pudessem, no prazo de uma semana, produzir novas fotos da cidade. As fotos foram reveladas e debatidas no último encontro, duas semanas após.

No encontro seguinte foi trabalhando o stencil<sup>3</sup>, outra técnica de pintura na rua. Assemelha-se ao graffiti por usar as mesmas tintas e por serem técnicas utilizadas de forma conjunta pelos artistas, porém o stencil se diferencia da pintura à mão livre do graffiti por usar formas prontas, recortadas em moldes vazados. Esta oficina foi ministrada pelo artista convidado Vinícius D'Ávila. O artista nos mostrou alguns de seus stencils já prontos e quais eram os passos para criar novos moldes vazados. O processo é aparentemente simples: produzir ou escolher uma imagem qualquer, de uma revista ou alguma imagem impressa, colocar atrás de uma chapa de raio-x e recortar a sua silhueta com um estilete. As imagens criadas foram impressas em grandes folhas de papel paraná, num processo semelhante à serigrafia: a tinta do spray, aplicada sobre o molde vazado, imprime a imagem sobre a superfície. Os jovens demonstraram particular interesse e satisfação com o resultado desta

---

<sup>3</sup> Palavra de língua inglesa cuja tradução literal é *estampilha*: molde utilizado na confecção de estampas.

oficina, levando seus trabalhos para casa e nos relatando depois que haviam aplicado seus stencils em outros lugares.

No último encontro foram apresentadas as novas fotografias e discutimos se houveram modificações no olhar estético dos jovens em relação à cidade. Apesar dos jovens não saberem dizer ao certo quais foram as mudanças ocorridas, as novas fotografias foram menos convencionais que as primeiras, havendo mais espaço para a experimentação, ousando novos olhares sobre antigos objetos e lugares. Para finalizar o projeto, foram realizadas algumas dinâmicas de despedidas e de agradecimento a todos os participantes.

### **Análise das imagens**

Para análise dos sentidos de cidade selecionamos 03 fotografias que foram realizadas durante a visita ao centro da cidade e o mural grafitado em um muro da UFSC. Cada fotografia apresenta um elemento da cidade que apareceu por diversas vezes nas atividades estéticas e discussões durante todo o projeto. São elementos simbólicos que consideramos constituintes dos sentidos atribuídos à cidade pelos jovens participantes e ao mesmo tempo os expressam. Além das três fotografias, analisaremos o grafite produzido coletivamente pelos jovens, que contém, entre os signos que o compõe, os mesmos elementos analisados nas fotografias. O graffiti foi realizado a partir de desenhos da cidade produzidos por todos os participantes do projeto e condensa, de certo modo, os dinâmicos sentidos de cidade.



[Foto 01]

Tema frequente nas fotografias, nos desenhos e no mural grafitado pelos jovens foi o trânsito. Este tema tem sido recorrentemente debatido pela população e pela mídia de Florianópolis devido ao aumento da frota de veículos particulares e dos grandes congestionamentos. Os jovens moradores da capital catarinense também vêm presenciando ou participando desde 2004 dos protestos que ocorrem anualmente contra o aumento do transporte público e o seu mal funcionamento (GOMES, 2008, p. 48 - 56). Estes são fatores que corroboram para que o trânsito e os problemas de (i)mobilidade urbana seja um elemento marcante na discussão que se faz em Florianópolis sobre cidade e urbanização.

O fluxo do trânsito, a diminuição do espaço em relação ao tempo, a necessidade de se transladar longa distância diariamente são fatores constituintes dos centros urbanos desde meados do século XIX. As grandes cidades da era moderna foram(são) arquitetonicamente planejadas para beneficiar o automóvel. Avenidas e rodovias são pensadas como artérias, como um sistema circulatório (SENNETT, 2010, p. 273) e, quando interrompidas ou com dificuldades em seu fluxo, temos uma cidade doente.

O discurso ecológico é hoje um dos grandes críticos da questão do trânsito contemporâneo e está presente na educação formal e informal dos jovens. Em diversos

âmbitos da nossa sociedade a questão ambiental tem sido motivo de preocupação, gerando debates e estratégias de conscientização sobre formas alternativas de desenvolvimento, o que inclui alternativas para a diminuição de emissão de monóxido de carbono produzido pelos motores movidos a derivados de petróleo. Hoje este posicionamento ideológico e político faz parte do repertório discursivo de muitos jovens e aparece em suas atividades estéticas. A foto 1 pode ser interpretada como uma denúncia ao trânsito abundante da área central da cidade: um corredor claustrofóbico, delimitado por prédios, no centro de Florianópolis, ao lado da Catedral Metropolitana, cujo fluxo de veículos é mais intenso que o trânsito de pedestres; uma artéria no coração da cidade que tem sua circulação prejudicada pelo excesso de veículos.

No entanto, partindo de um discurso futurista<sup>4</sup>, esta artéria obstruída é símbolo do progresso e da modernidade. Cidade vertical, prédios construídos a base de concreto, aço e vidro, com as suas antenas de comunicação ao fundo e um caminho de asfalto que corta o centro da capital: fluxo de informações e de indivíduos – esparsos nas vias e enclausurados nos automóveis. Postes, antenas, câmeras e graffitis contrastam com a fachada lateral da catedral, datada de 1773, compondo assim o cenário contemporânea da antiga colônia açoriana.

---

<sup>4</sup> O manifesto futurista, escrito por Filippo Marinetti em 1909, enaltece as características da máquina, do automóvel e da guerra. Apesar do seu caráter inicialmente bizarro, “guerra, única higiene do mundo”, artistas oriundos do movimento futuristas fizeram poesia com os elementos da cidade moderna e foram um dos primeiros a reconhecer seu potencial artístico (CANEVACCI, 2004, p. 59).



[Foto 02]

Na Foto 2, produzida a partir de uma posição exterior à condensação de formas objetivadas na Foto 1, vemos ao fundo um adensamento de prédios localizados na Rua Felipe Schmidt e mediações, estas as principais ruas do centro de Florianópolis. Prédios parecem circundados e contidos por uma fileira de pequenas edificações coloridas e que preservam uma fachada de estilo colonial. A frente dessas edificações há carros estacionados e, em seguida, a rodovia. Quatro fileiras distintas e bem delimitadas: uma imagem composta por várias linhas horizontais e verticais heterogêneas que segmentam e estabelecem (de)limitações ao olhar. Também podemos distinguir esse congregado de linhas de outro modo, considerando a imagem como duas grandes áreas: a dos humanos e suas produções e o céu indefinido.

Um elemento que apareceu com frequência nas produções estéticas dos jovens foram os prédios. Quando solicitados a retratar a cidade em suas pinturas, desenhos ou fotografias, o prédio foi um símbolo do urbano frequente nessas objetivações estéticas. Nas cidades verticalizadas, o prédio é um dos principais responsáveis pelo adensamento populacional. Na Foto 2 ele parece avançar como um *tsunami* sobre as pequenas edificações abaixo. Sua

postura é austera e suas dimensões são colossais frente à frágil carne do homem.

Há na foto uma completa ausência da figura humana. O que sobressalta aos olhos é o denso volume de concreto, asfalto e aço. Assim como na Foto 1, o pedestre nessa outra imagem encontra-se confinado em pequenas brechas. Isso pode nos relevar uma concepção de cidade que beneficia espaços individualizados, como apartamentos e veículos particulares. Espaços públicos de convívio, trocas e lazer não são prioridades nos planos urbanísticos do centro de Florianópolis, e as imagens produzidas pelos jovens objetiva essa condição. São fotos que falam sobre a cidade a partir do que é dado a ver e também do que não se apresenta. (In)visibilidades (in)dizibilidades objetivam-se nas imagens fotográficas,

a fotografia é o frontispício de um livro sem páginas, um elo que nos anuncia algo e que, ao mesmo tempo, nos despista. Resta-nos mergulharmos nesses fragmentos deslizantes de ambiguidade e evidência, para tentarmos desvendar os mistérios que se escondem sob olhares interessantes e paisagens perdidas (KOSSOY, 2007, p.61)



[Foto 03]

Na presença ou na ausência, alguns *personagens urbanos* foram retratados com frequência nos trabalhos artísticos. Estes personagens, em sua maioria, são pessoas que podemos encontrar pelas ruas das grandes cidades, geralmente em situações de desvalia, mendicância ou necessidade, produtos dos grandes centros e do espólio capitalista, que juntos

constituem grupos numerosos de excluídos. Como os “homens infames” referidas por Foucault (2006), são existências percebidas somente quando flertam com regimes de poder, mas que na maior parte do tempo estão desprovidos dos direitos sociais e alijados do acesso aos bens e serviços públicos.

Com intenção de buscar elementos outrora despercebidos no cotidiano, as fotografias produzidas na saída ao centro da cidade deram visibilidade a alguns desses personagens. Foram retratados bêbados, mendigos, hippies nômades, grupos étnicos. A Foto 3 mostra uma mulher de etnia Tupi-guarani e seu bebê. Ela, descalça sobre um papelão, vende seus artesanatos. Ao lado, em sacolas, seus pertences e brinquedos da criança. Ele come algo numa embalagem de plástico. Ambos estão numa relação de proximidade e intimidade com o solo quadriculado de concreto. Mas por que várias fotografias e desenhos realizados no ArteUrbe retrataram estes “homens infames”?

Modos de vida pauperizadas geralmente causam estranhamento e chocam aqueles que procuram se equilibrar na condição de classe média. Presenciar situações de miséria e exclusão não passa incólume, pois em nossa sociedade esta é uma possibilidade que todos podem estar sujeitos no percurso de suas vidas. Projetar-se nestas situações, por sua vez, pode provocar horror e fascínio. Programas de higienização social, comuns no início do século XX e ainda vigente, porém com seus propósitos de certo modo velados, procuram “limpar” as áreas centrais das cidades retirando os vestígios de presenças incômodas (COIMBRA, 2000, p.16). No entanto, a câmera fotográfica revela essas presenças, a arte denuncia, explora e possibilita problematizar aquilo que as políticas de governo buscam esconder.



[Foto 04]

Na panorâmica do mural grafitado e lambe-lambes podemos encontrar os 3 temas analisados anteriormente nas Fotos 1, 2 e 3: o trânsito, os prédios e a presença/ausência dos “personagens urbanos”. Na profusão de cores e formas, prédios e casas por todo o morro representam as condições de moradia em cidades como Florianópolis. Uma cidade povoada de forma plural, polissêmica. Talvez morros sem nenhuma área de mata atlântica,

completamente sitiados pelo processo de urbanização, seja o destino da nossa paisagem.

A ponte Hercílio Luz – cartão postal mais famoso da cidade – serve de caminho para o metrô de superfície, este uma promessa dos governantes e um desejo de todos os moradores que têm de enfrentar o trânsito diário entre ilha-continente. Na rua dois ônibus de empresas privadas do transporte público ocupam em espaço que, na Foto 1, é totalmente ocupado por carros. A paródia com os nomes das empresas evidenciam a insatisfação da população (principalmente dos jovens) com o serviço prestado: In\$ular, Tran\$ol - linha 171. Um lambe-lambe escrito “entrada franca” e uma pichação “2,95 ã” demonstram simpatia pelo Movimento Passe Livre e suas bandeiras de luta.

Personagens urbanos se fazem presentes nesta imagem em suas ausências. No banco há duas garrafas de whisky e um copo. Uma das garrafas se encontra caída. Um par de chinelos jaz embaixo do banco. No canto esquerdo, duas sacolas de lixo supõem o consumo e a produção de dejetos, Logo a frente um rato sai do bueiro em direção a calçada. Um avião e uma pipa flutuam no céu crepuscular e outros elementos também indicam a passagem de pessoas por este local: pegadas, garrafa de refrigerante, óculos, cartaz de “procura-se” e de propaganda eleitoral. No entanto, as pessoas que deixaram estes objetos para trás não aparecem diretamente na produção estética dos jovens. Deixam sementes, vestígios da presença ausente assim como ocorreu nas Fotos 1 e 2. A Foto 3, ao contrário, afirma a presença do supostamente invisível, daquele que o sistema produz, mas não reconhece como seu.

### **Considerações finais**

As fotografias, os desenhos, o mural, a maquete, os lambe-lambes, todas estas produções realizadas durante as oficinas são constituídas de muitos elementos simbólicos que caracterizam, para estes jovens, a(s) cidade(s) que habitam. Podemos compreender, a partir dos signos apresentados, alguns dos sentidos atribuídos pelos jovens ao meio urbano de Florianópolis.

Os elementos que melhor designam a cidade é o trânsito e os prédios. Na busca por uma representação artística do ambiente urbano, estes dois elementos não puderam faltar. As pessoas não foram prioridade, apenas apareceram como sobras. A polis, como lugar do convívio e da partilha de uma vida comunitária, esta descaracterizada. Na lógica dos espaços individualizados, os locais públicos servem apenas de passagem e são evitados quando possível. Ambiente privados, como condomínios e shopping centers, se popularizam nos

centros urbanos em torno do globo a fim de substituir os espaços públicos das cidades (SARLO, 2006, p.17).

Alguns movimentos de resistência – na política e na arte – procuram resgatar a importância da convivência em espaços públicos e a experiência de ocupar a cidade, resignificando este espaço que foi malgrado na sociedade capitalista. Acreditamos que a partir da participação no projeto ArteUrbe, estes jovens constituíram um outro olhar para a cidade e adquiriram novas ferramentas conceituais para problematizar as questões referentes aos espaços urbanos. Temos também que destacar que nós pesquisadores iniciamos o projeto interpretando a cidade de uma forma e o terminamos sob outra perspectiva, devido a vivência e as trocas que estabelecemos com estes jovens. Como salientam Gusmão e Souza (2008, p. 25) em sua pesquisa mediada por oficinas estéticas de fotografia, é preciso deixar-se afetar pelo objeto de pesquisa para melhor compreendê-lo e aprender com ele. Essa afecção ao que parece, aconteceu tanto com os jovens como com os pesquisadores, a provocar o olhar sobre a cidade e sua resignificação.

## **TEENAGERS, ART AND THE MEANINGS OF CITY**

### **Abstract**

This study does analysis about possible meanings of city from photographs taken by teenagers from Florianópolis/SC. The informations that give support to this paper came from street art workshops and theoretical discussions. In order to do the analysis about meanings of city were chosen some pictures and a image from a collective graffiti that represented the city, besides our experiences as participants from the project. The analysis was based in L.Vygotsky and M.Bakhtin theory – with focus in the semiotic process between youth and city and the results of this relation. Once the study was concluded, it was possible to point some frequent elements that appear in the aesthetic works. Those elements indicate how young people are giving meaning to the city where they live.

**Keywords:** Bakhtin. Vygotsky. Urban art.

## **JÓVENES, ARTE Y LOS SIGNIFICADOS DE LA CIUDAD**

### **Resumen**

En este trabajo se analizan los posibles significados de la ciudad a partir de fotografías sacadas por algunos jóvenes de Florianópolis / SC. Las informaciones que basan este artículo son de los talleres que se centraron en la discusión teórica y práctica de actividades artísticas venidas del arte urbano. Fue elegido para el análisis de los significados de la ciudad, las

fotografías sacadas por los jóvenes, un grafiti hecho colectivamente ilustrando la ciudad y nuestra participación en los talleres. Los análisis se realizaron sobre la base de las contribuciones de L. Vygotski y M. Bakhtin – centrado en la relación semiótica que se establece entre el joven y la ciudad y lo que se pasa en esta relación. Como resultado, se determinó que algunos elementos aparecen con frecuencia en la objetivaciones estética de la ciudad. Estos elementos nos hablan de cómo estos jóvenes ven su ciudad y qué significados se le atribuyen.

**Palabras Clave:** Bakhtin. Vygotsky. Arte urbano.

### Referência

- Bakhtin, M. (2010) *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Bakhtin, M., & Voloshinov, V. (2006). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- Bauman, Z. (2001) *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Baxandall, M. (1991) *O olhar renascentista: pintura e experiência social na Itália da Renascença*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Berman, M. (2007) *Tudo que é sólido desmancha no Ar*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Canevacci, M. (2004) *A cidade polifônica*. São Paulo: Studio Nobel.
- Canevacci, M. (2005) *Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Coimbra, C. (2000) Doutrinas de segurança nacional: banalizando a violência. *Psicologia em Estudo*, 5(2), 1-22.
- Faraco, C. (2009) *Linguagem e diálogo: as ideias linguística do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Foucault, M. (2006) A Vida dos homens infames. In Foucault, M. *Estratégia, poder-saber*. (pp.203-222) Rio de Janeiro: Forense Universitária,.
- Goldberg, R. (2006) *A arte da Performance*. São Paulo: Martins Fontes.
- Góes, M; Cruz, M. (2006) Sentido, significado e conceito: notas sobre as contribuições de Lev Vigotski. *Pro-posições*, 2, 31-45.
- Gomes, M. (2008) *Passe-Livre já: participação política e constituição do sujeito*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.
- Gusmão, S; Souza, S. (2008) A estética da delicadeza nas roças de Minas: sobre a memória e

a fotografia como estratégia de pesquisa-intervenção. *Psicologia e Sociedade*, 20, 24-31.

Kossoy, B. (2007) *Os Tempos da Fotografia: o efêmero e o perpétuo*. Cotia: Ateliê Editorial.

Magalhães, M. C. C., & Oliveira, W. (2011) Vygotsky e Bakhtin/Volochinov: dialogia e alteridade. *Bakhtiniana*, 1(5), 103-115.

Paz, O. (2007) *Marcel Duchamp, ou o castelo da pureza*. São Paulo: Perspectiva.

Peixoto, N. (1999) O Olhar do estrangeiro. In Novaes, A. *O Olhar*, (pp. 361 – 363) São Paulo: Companhia das Letras.

Rancière, J. (2010) *Las paradojas del arte político*. Castellón: Ellago Ediciones.

Sarlo, B. (2006) *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Schaefer, S. (2011) Dialogismo, polifonia e carnavalização em Dostoiévski. *Bakhtiniana*, 6 (1), 194-209.

Sennett, R. (2010) *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso.

Souza, S. (2003) *Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas: Papirus.

Veloso, S. R. A. (2011) Polêmicas discursivas: refrações da palavra do outro na arena do Roda Viva. *Bakhtiniana*, 1(5), 20-33.

Vygotsky, L. (1993) Pensamiento y lenguaje. In Vygotsky, L. *Obras escogidas II* (pp.11–348). Madri: Visor

Vygotsky, L. (1995) Génesis de las funciones psíquicas superiores. *Obras escogidas III* (pp. 139-168). Madrid: Visor

Vygotsky, L. (2004) O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica. In Vygotsky, L. *Teoria e Método em Psicologia*. (pp. 203-417) São Paulo: Martins Fontes.

Zanella, A. (2005) Sujeito e Alteridade: Reflexões a Partir da Psicologia Histórico-Cultural. *Psicologia e Sociedade*, 17(2), 99-104.

Zanella, A. V; Furtado, J. R; Assis, N; Levitan, D. (2012) Jovens na cidade: arte política e resistência. In Mayorga, C; Castro, L. R; Prado, M. A. *Juventude e a experiência da política no contemporâneo* (p. 121 – 142). Rio de Janeiro: Contra Capa.

Data de recebimento: 09/04/13

Data de aceite: 07/09/15

**Sobre os autores:**

*Gabriel Bueno* é Professor do Departamento de Psicologia da Faculdade CESUSC – Florianópolis. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC. Endereço Eletrônico: gbapsi@gmail.com

*Andréa Vieira Zanella* é Professora titular da Universidade Federal de Santa Catarina, orientadora de mestrado e doutorado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC. Endereço Eletrônico: azanella@cfh.ufsc.br